

Comunicação graffiti nos espaços periféricos (uma sociedade pós-mídia).

Luciane Chagas Brasil Lu Brasil.

Cita:

Luciane Chagas Brasil Lu Brasil (2017). *Comunicação graffiti nos espaços periféricos (uma sociedade pós-mídia)*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-018/2859>



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Comunicação graffiti nos espaços periféricos (uma sociedade pós-mídia)

Lu Brasil

luzinhafada@yahoo.com.br

UERJ/FEBF

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

A partir da análise do *Meeting of favela (Mof)*, este texto enfoca o *graffiti* como a possibilidade de materialização de uma subjetividade pós-mídia, de acordo com Felix Guattari. Procura verificar também se este tipo de movimento cultural da periferia do Rio de Janeiro se apresenta como uma linha de fuga às formas massivas de produção de identidades *prêt-à-porter* e se as tecnologias de informação e comunicação somadas à convergência das mídias auxiliam neste processo. O *Mof* é o maior mutirão de *graffiti* da América Latina, um movimento cultural que, uma vez por ano, desde 2006, transforma a favela Vila Operária em uma galeria de arte a céu aberto. Durante o evento, os muros das casas da favela da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, são grafitados por artistas nacionais e internacionais. Em 2014, recebeu o Prêmio de Cultura entrando para o Mapa Cultural do Rio de Janeiro. O movimento ganhou visibilidade ao se legitimar como um dispositivo de mobilidade social e de pertencimento às artes urbanas, agregando valores artísticos comunitários de forma ampla. Sob este enfoque, o *Mof* saiu dos muros da Vila Operária e ganhou outros territórios a partir das tecnologias digitais e da convergência das mídias, se tornando um evento ao mesmo tempo local e global. Esta transição se deu através da presença da cultura digital dentro dos espaços de intervenção, criando novas visibilidades para o *graffiti* dentro e fora do território da Baixada Fluminense. Em 2016 o mutirão ganha maior dimensão quando publica nas redes sociais a confirmação da presença da fotógrafa Martha Cooper. Além da visita para conhecer de perto o mutirão de *graffiti*, a fotógrafa multiplica o evento através de suas redes sociais, tais como instagram e facebook. Em entrevista ao jornal "O Globo, Martha diz: "Saí daqui vendo algumas similaridades com o movimento do grafite e arte urbana de quando comecei minha carreira, inclusive com muito da velha escola do grafite.(...)" Fonte: O Globo on line. Acesso em 16/12/2016

A sociedade pós-mídia tem como base Felix Guattari que, antes de morrer, em 1992, já previa a subjetividade que surgiria com a convergência televisão/computador/redes móveis (REGO; SANTOS, 2013, p.3). Completando essa ideia, Guattari (1990 apud REGO; SANTOS, 2013) afirmava que na era pós-mídia, haveria um remanejamento do poder na mídia de massa, a partir do



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

desejo da subjetividade contemporânea de se reapropriar, individual, coletiva e interativamente, das máquinas de informação e comunicação. Os movimentos expressivos da multidão como o *graffiti*, enquanto efeitos da produção de subjetividade contemporânea funcionam como máquinas de informação e comunicação, engendram e articulam caminhos agenciando movimentos culturais e sociais, entre a favela e o asfalto, o público e o privado.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ABSTRACT

Based on the analysis of Meeting of Favela (Mof), this text focus the graffiti as a possibility of materialization of a post-media subjectivity, according to Felix Guattari. Also seeks if this kind of cultural movement on the suburb of Rio de Janeiro appears as escape line of to massive forms of identity production prêt-à-porte and if information and communication technologies added to the convergence of the media help in the process. The Mof is the largest mobilizations of graffiti of Latin America, a cultural movement that, once a year since 2006, the Vila Operária favela is transformed in an clear sky art gallery. During the event, the walls of the favela houses of Baixada Fluminense, in Rio de Janeiro, are used as canvas by national and international artists. In 2014, the event received the Culture award, becoming part of the Cultural Map of Rio de Janeiro. The movement gained visibility by legitimizing itself as a device of social mobility and belonging to the urban arts, bringing community artistic values in a broad way. Under this perspective, the Mof left the walls of Vila Operária and gained other territory through the digital technologies and media convergence, becoming an event local and global at the same time. This transition occurred through the presence of digital culture within the intervention spaces, creating new visibilities for graffiti inside and outside the territory of the Baixada Fluminense. In 2016 the team work gains bigger dimension when it publishes in the social networks the confirmation of the presence of the photographer Martha Cooper. Besides the visit to to know the hear of the collective effort of graffiti, the photographer promotes the event by your social networks, like instagram and facebook. In an interview given to the newspaper "O Globo, Martha says:" I could left some similarities with the movement of graffiti and urban art compared to ones when I started, including with many of the old graffiti school (...)"Source: O Globo on line. Access on December 16th,2016. The post-media society is has as a base Felix Guattari, that before his death in 1992, already predicted the subjectivity that would arise with convergence of television / computer / mobile networks (REGO; SANTOS, 2013 , p. 3) Completing this idea, Guattari (1990 apud REGO; SANTOS, 2013) affirmed that in the post-media age, there would be a reassignment of power in the mass media, from the desire of contemporary subjectivity to re-appropriate



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

individual , collective and interactively, the information and communication machines. The expressive movements of the crowd as the graffiti, while effects of the contemporary subjectivity production, functions as information and communication machines, engender and articulate ways of organizing cultural and social movements, between the favela and the city, the public and the private.

Palabras clave

Graffiti, Favela, Comunicação

Keywords

Graffiti , shanty town, Communication



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

Esse artigo é o resultado da pesquisa : “*Meeting of Favela- Grafitando subjetivações na Vila Operária, do látex às cores digitais*” realizada entre os anos de 2014 e 2016 no Mestrado de Cultura, Educação e Comunicação em Periferias Urbanas (FEBF/UERJ).

Durante esses anos pude acompanhar e registrar toda a movimentação que envolve o Meeting of Favela, antes, durante e após o evento. Tornei-me a videomaker do evento, sendo assim formei um grande acervo audiovisual desse evento, pois antes de iniciar essa pesquisa eu já registrava o evento desde o ano de 2011.

Através da bibliografia específica da área, falarei sobre os processos de subjetivação, a importância dos meios de comunicação na sociedade pós-mídia e sobre o *graffiti* enquanto arte e agenciamento coletivo de enunciação.

O objetivo desse artigo é traçar um caminho entre o *graffiti* enquanto comunicação nos espaços periféricos através das novas mídias e responder como o maior evento voluntário do mundo fomenta essa comunicação.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/marco conceptual

Para a base teórica, utilizei as obras de Delleuze e Guattari, Kastrup, McLuhan, Antoun que poderão traçar um diálogo entre subjetividade, *graffiti*, favela e mídia. Neste caso, pretende-se com esse campo conceitual verificar as condições da produção de subjetividade do evento *Meeting of Favela* através dos processos vivenciados antes durante e depois do mesmo. Além disso, verificar através das imagens e reportagens se esse movimento de arte urbana se constitui como uma marca territorial que singulariza a Vila Operária e suas formas de globalização a partir das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e da convergência das mídias.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

II. Metodología

A metodologia utilizada foi o da cartografia. O conceito de cartografia articulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), aponta para uma pesquisa de acompanhamento de processos de subjetivação em curso e não da representação do objeto. De acordo com Passos e Kastrup (2009), ela pode ser aplicada na “processualidade dos processos de subjetivação que ocorrem a partir de uma configuração de elementos, forças ou linhas que atuam simultaneamente” (PASSOS e KASTRUP, 2009, p.77). São processos que acontecem no presente e que ainda não se institucionalizaram que ainda não se configuraram como uma representação. Para Kastrup (2009) ao darmos início à pesquisa que investiga o processo de produção de subjetividade, já há na maioria das vezes um processo em curso. (KASTRUP, 2009, p.58) Neste sentido, como nos encontramos diante de um processo existente começamos pelo meio, entramos em um pulsar de subjetividades no coração da cartografia, como afirma Kastrup (2009).

Nessa medida, o cartógrafo se encontra sempre na situação paradoxal de começar pelo meio, entre pulsações. Isso acontece não apenas porque o momento presente carrega uma história anterior, mas também porque o próprio território presente é portador de uma espessura processual. (KASTRUP, 2009, p 58)

Utilizar o método da cartografia requer seguir um caminho construído em um processo contínuo, com passos que seguem pistas que formam rizomas, como passos que se abrem sucessivamente, mas não se separam. Ou seja, cada estágio da pesquisa quando se liga ao outro pode continuar com o outro caminho, em outra bifurcação. Neste caso, a coleta, a análise e a discussão de dados devem existir, em um movimento contínuo, onde ora o pesquisador se aproxima, ora ele se afasta do acontecimento. Ora atua como um observador privilegiado, ora se torna mais um elemento do processo que deve ser investigado. Ele não tem a pretensão de ser isento, mas deve



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ter consciência de sua formação, de seus preconceitos, suas limitações, sabendo que enquanto pesquisador, sua presença também faz parte do campo de experiências, construindo-o e ajudando a transformá-lo.

Dentro dessa metodologia, pude enquanto pesquisadora, não somente observar, mas também participar das ações e do corpo que se transforma o *Meeting of Favela* durante todo o processo do seu acontecimento



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Análisis y discusión de datos

Os movimentos expressivos da multidão como o *graffiti*, enquanto efeitos da produção de subjetividade contemporânea funcionam como máquinas de informação e comunicação.

Entende-se a questão do movimento¹, não como algo que só se desloca no tempo e no espaço, mas algo que constrói mudanças na realidade, mudanças sociais e culturais. Nesse caso, eventos expressivos da multidão funcionam como um dispositivo capaz de produzir agenciamentos que possibilitam um alcance da liberdade dos muros, da favela do morador e do próprio artista urbano. Para Deleuze, um dispositivo não abrange sistemas lineares:

Mas o que é um dispositivo? Em primeiro lugar, é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. Cada linha está quebrada e submetida a variações de direção (bifurcada, enforquilhada), submetida a derivações. (DELEUZE, 2014, p.1)

Este novelo se solta e forma várias linhas que ora estão perto, ora estão longe, mas sempre se encontram, sempre perpassam em algum ponto comum: o meio que sempre está presente nos processos de singularização. Mas, pode-se pensar um evento que consegue mobilizar e modificar o cotidiano das famílias e de grande parte de uma favela da Baixada Fluminense produzindo novos conceitos de cultura neste território, como um movimento coletivo que descerra a porta do *graffiti* para várias partes da América Latina e se transforma como conector rizomático que contribui para

¹Os filósofos definem o movimento do mesmo modo que os físicos, associando sempre tempo e espaço, e não como simples sinônimo de deslocamento: Toda modificação, tudo aquilo que faz com que as coisas, mudem com que o mundo esteja em permanente devir. (JAPIASSÚ e MARCONDES 1996, p 189). De acordo com Deleuze (1985), o movimento acontece entre duas paradas. O movimento sempre provoca uma transformação, e não apenas um deslocamento no tempo/espaço. Por isso, a transformação é qualitativa e não quantitativa, como quando é medida pelos instantes de parada dos ponteiros de um relógio marcando minutos, segundos e horas. O importante, quando pensamos no movimento, é guardar a ideia de “entre” instantes de parada.



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

novas relações sociais e culturais.

Para entender este processo de subjetivação nós precisaríamos nos apropriar dos dispositivos e caminhar para re-singularização como propõe Guattari:

Em todas as escalas individuais e coletivas, naquilo que concerne tanto à vida cotidiana quanto à reinvenção da democracia – no registro do urbanismo, da criação artística, do esporte etc. - trata-se, a cada vez, de se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir ao sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero. (GUATTARI, 1990, p. 15)

O *graffiti* é uma forma de expressão e de comunicação que se expande através das mídias de massa² (Jornal, revista, TV) e de multidão (Internet). A palavra mídia é um termo derivado do latim e significa meio, logo esses canais são meios de comunicação e segundo McLuhan (1964) o “meio é a mensagem”:

Uma pintura abstrata representa uma manifestação direta dos processos do pensamento criativo, tais como poderiam comparecer nos desenhos de um computador. Estamos aqui nos referindo, contudo, às consequências psicológicas e sociais dos desenhos e padrões, na medida em que ampliam ou aceleram os processos já existentes. Pois a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas, humanas. (MCLUHAN 1964 p 22)

Isto é, para McLuhan, a mensagem não é o conteúdo que está sendo transmitido, mas a própria transformação que os meios produzem na nossa forma de pensar, agir e sentir. Pensando a partir dos conceitos de Guattari, a verdadeira mensagem do meio não é o somente o conteúdo expresso, o signo significante ou representação. Mas, é a produção de subjetividade que ele produz a partir dos afetos (ou signos assignificantes). Ou seja, o meio é o produtor, o que nos leva a pensar

² Entendemos como mídia tudo que é usado como meio de comunicação social, como por exemplo, TV, Jornal, Internet, Rádio, etc.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

que não existem coisas prontas, nós sempre temos um desafio e este desafio gera uma responsabilidade.

Depois do período no qual acontece um evento, que é divulgado em redes sociais, as informações continuam circulando de diversas formas na internet, vídeos, fotos e reportagens, “curtidas e compartilhamentos”.³ Neste sentido, o *graffiti* pode ser considerado como uma forma de comunicação, não somente artística e cultural, mas também política, já que produz subjetividade e provoca novos devires. Como afirma Ivo (2007) em seu artigo⁴, “além de ser uma mídia alternativa e contra hegemônica, o graffiti representa e reflete também formas sociais de organização e movimentos culturais, sociais e artísticos”. (IVO, 2007, p. 113).

No caso do *graffiti*, sua força cresce com a ascensão da internet e principalmente das redes sociais, já que “hoje, o enigma do poder dessa rede esbarra na explosão participativa proporcionada por ela, gerando uma imutável produção de conhecimento, entretenimento e experimentação criativa com a qual está envolvido o homem comum do meio social” (ANTOUN, 2008, p. 7). Essa comunicação participativa torna o usuário da internet cada vez mais ativo e atento às novas demandas que a velocidade da informação (Através da rede) oferece. É uma comunicação coletiva que gera narrativas diversas sobre o mesmo assunto.

Segundo Antoun (2008), nos anos 90, o poder integrador das páginas web e do universo da Internet reuniu diferentes movimentos baseados em ações coletivas, seja para empreender uma luta comum, seja para construir uma atividade comum. Para exemplificar esta revolução da informação foram capturadas para essa pesquisa algumas imagens⁵ das páginas nas redes sociais, como por exemplo, o *Fotolog*⁶, uma rede social que utilizava a fotografia como principal instrumento de

³ Esta é uma maneira de fazer uma informação circular na rede social *Facebook* fundada em 04 de fevereiro de 2004 com o nome de “*Thefacebook*”. O site foi criado por Mark Zuckerberg e seus colegas de quarto em Harvard. Ver mais em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-completa-10-anos-veja-evolucao-da-rede-social.html>> Acessado em 19/09/2015

⁴ Ler mais em: Cidade - mídia e arte de rua, 2007.

⁵ Estas imagens serão demonstradas no capítulo 3 desta.

⁶ A plataforma foi lançada em maio de 2002, tendo gerado mais de três bilhões de visualizações, e mais de 20 milhões de visitantes únicos por mês. Em 2007, o site *Fotolog.com* estava na lista dos 20 sites mais ativos no ranking do Alexa [...] Depois de algumas semanas de inatividade periódica, em 26 de janeiro de 2016 o *Fotolog* anunciou (na forma de uma mensagem no cabeçalho em todas as suas páginas) que a plataforma teria seu fim definitivo e se tornaria



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

informação. Era uma espécie de diário fotográfico que chegou a ser integrado à rede social *Facebook*. Além disso, o *Fotolog* também era usado como mini blog que em 2007 alcançou o *ranking* dos vinte sites mais ativos. Outro exemplo é a rede social *Facebook* que desde sua criação em 2004 demonstra a sua potência de comunicação mesmo quando se trata da cultura de uma periferia esquecida pela comunicação hegemônica.

Carolina Caffé⁷ em sua obra antropológica e etnográfica “Lá do lado leste” (2013) comenta que as trocas de experiências e a produção do *graffiti* até o momento do compartilhamento nas redes surgem, nos dias de hoje, como ferramenta que viabiliza a participação de outros olhares que não estão ligados diretamente com as periferias e seus artistas. Quando pensamos no alcance que uma imagem, um depoimento ou uma postagem tem pensamos também no fortalecimento daquele território, enquanto território político e cultural.

[...] o que vislumbrar para a antropologia a partir da multiplicação das novas possibilidades de produção e compartilhamento de informações nos dias de hoje, com as tecnologias digitais em constante desenvolvimento? Momento em que “compartilhar” torna-se categoria nativa no mundo virtual, verbo tão popular quanto “curtir” em tempos de *Facebook*. As redes e plataformas virtuais e os instrumentos mais acessíveis de captação de imagem e som são peças-chave nas transformações que se processam no mundo hoje e no trabalho audiovisual antropológico.
(CAFFÉ, 2013, p 5)

De acordo com a previsão de Guattari (1992), ao contrário dos meios de comunicação de massa, com suas mensagens repetitivas e hipnóticas, a reunião das redes telemáticas e informáticas produziriam um meio de comunicação que permitiria uma polifonia de vozes, abrindo mão do regime de verdade, tão caro às mídias de massa, gerando uma linha de fuga para a produção artística contemporânea. Hoje o artista urbano não tem mais somente a tela de concreto para expor a sua arte. Ele também possui a tela digital, ou seja, a internet com todos os seus recursos para promover a arte contra hegemônica.

"permanentemente disponível" no dia 20 de fevereiro. Ver mais em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fotolog>> Acessado em 30/01/2016.

⁷É coordenadora executiva da área de comunicação e mídias livres do Instituto Pólis.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Tartaglia (2010) em sua dissertação sobre a territorialidade dos grafiteiros nos mostra que “a internet propicia uma conexão direta de pequenas localidades na periferia do Rio de Janeiro ou de outros municípios com qualquer grande cidade do mundo”. Essa troca de informações através das redes permite não somente uma maior visibilidade do *graffiti*, mas também faz com que os próprios grafiteiros aperfeiçoem suas técnicas para disputar espaços. Não os espaços que nos levam de um ponto ao outro, mas os espaços da arte urbana.

Essas redes, como o *facebook*, se “alimentam” de registros através de vídeos e fotos feitos por pessoas comuns, quer seja com uma câmera digital ou um celular. Neste caso, o celular é “dispositivo híbrido móvel de conexão multirredes” (DHMCM), como aponta Antoun (2008). Dessa maneira, afetos são construídos de forma efêmera, pois, é possível perceber uma redenção das “imagens distribuídas eternizadas”, já que as fotos não irão para um álbum especial, que ficarão “protegidos” em um lar e os vídeos não serão guardados como relíquia audiovisual familiar. Esse tipo de circulação em rede cria conexões virtuais que propagam o momento. Com o *Meeting of Favela* não é diferente a circulação sobre o evento aumenta a cada nova rede social e plataformas virtuais.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Conclusiones

As fotos ou vídeos não são produzidos para marcar a memória como um arquivo, para ficar no dispositivo, imprimir e guardar em um álbum. O consumo se dá pela circulação na rede, por meio do envio rápido e imediato. Trata-se de circular e não memorizar, para reforçar laços sociais. Vemos aí como os princípios de emissão e conexão trazem novas dimensões para a fotografia e para o vídeo, podendo mesmo reconfigurá-los como ferramentas de comunicação interpessoal. (ANTOUN, 2008p 57)

Percebe-se que a subjetividade urbana será profundamente modificada pela apropriação dos espaços através dos novos equipamentos, gerando processos de “territorialização urbana pelos coletivos”, (ANTOUN, 2008, p.8). Quando as imagens grafitadas são distribuídas nas redes sociais, a conexão entre o *graffiti* e os DHMCM levam dimensões desterritorializantes onde emerge uma nova forma de comunicação entre o território fotografado que exerce um processo de singularização do espaço físico e do território subjetivo, levando em consideração que esse território é emocional e funciona como uma linha de fuga.

De acordo com o senso comum temos a falsa impressão, de que a linha de fuga, trata-se de como um indivíduo escapa das suas responsabilidades, do mundo que o cerca. Mas, devemos entender que “as linhas de fuga não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p. 72). Nelas, podemos produzir novas armas capazes de transgredir o que já existe, fortalecendo o novo. “É sempre sobre uma linha de fuga que se produz, não, é claro, porque se imagina ou se sonha, mas, ao contrário, porque se traça algo real, e compõe-se um plano de consistência. Fugir, mas fugindo, procurar uma arma”. (DELEUZE, PARNET, 1998, p. 159). O *graffiti*, enquanto arte de rua pode ser entendido como uma comunicação da arte de resistência. O *Meeting of Favela* resiste na medida em que as imagens do evento são espalhadas nas redes sociais através dos DHMCM. Essa resistência e potência aumentam com a visibilidade que grafiteiros fora do País se locomovem até uma favela da Baixada Fluminense para concretizar este intercâmbio e disseminar a arte do *graffiti* com seus vídeos, falas, fotos, etc.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Nessa página do evento, por exemplo, que no início de 2016, possuía 5.656 curtidas e o perfil 4.933 seguidores, os organizadores esclarecem dúvidas sobre como chegar ao *Mof* e dão informações sobre o evento, como data, horário, alimentação e inscrições.

Durante o evento, tanto o perfil quanto a página são alimentadas através dos DHMCM que acabam servindo como testemunho não só dos momentos catastróficos, mas também da evolução e potência de um evento. Em 2015, por exemplo, percebi um volume muito grande de registros através dos DHMCM. Publicações efetuadas quase que em tempo real popularizam o evento a cada edição.

Entretanto, essa sociabilidade virtual torna-se um espaço coeso de troca de informações sobre o momento presente que será como uma ponta do fio que ligará em futuros diversos. O que quero expor neste momento é a forma como os DHMCM agem e potencializam o *Mof* durante e depois do evento, mas não marcam a memória⁸, já que as redes sociais detêm de fugacidade em seus álbuns criados pelos DHMCM.

Posso concluir nessa pesquisa que o *graffiti*, assim como o *Meeting of Favela*, também é uma forma de comunicação visual que aproxima diferentes grupos de pessoas carentes de comunicação, de união e de arte porque funciona como um motivo, uma razão, uma causa. O grupo que, ao longo da história sempre foi considerado como inferior, ganha destaque quando constrói um espaço de arte pincelando os muros de alguma instituição importante. Ao mesmo tempo, a arte urbana difundida pelos meios de comunicação, tanto de massa quanto de multidão, ultrapassa o rótulo de pichação e foge ao estigma de representar algo fora da lei.

⁸ Tratamos aqui da memória como valores históricos guardados.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

AUTOUN, Henrique (Org.). **WEB 2.0 - Participação e Vigilância na Era da Comunicação** Distribuída. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

CAFFÉ, Carolina. **Lá do leste** [livro eletrônico]: uma etnografia audiovisual compartilhada. Carolina Caffé, Rose Satiko Gitirana Hikiji. São Paulo: Humanitas, 2013. 3072 Kb; PDF

DELEUZE; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Ed. Escuta, 1998. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro.

DELEUZE, **O que é um dispositivo?** 1990. Disponível em: <<http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-que-e-um-dispositivo>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo. Ed 34,1995. vols. 1, 2, 3, 4 e 5. (Coleção TRANS)

GUATTARI, 1990 **Vers une ère post media**, publicado na revista digital Chimeres, número 28, primavera-verão, 1996 apud REGO, Alita Villas Boas de Sá; SANTOS, Arthur Willian Cardoso. **Tenho 60 anos e também quero ser MídiaNinja**: da TV Maxambomba à PósTV. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1575-1.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2016.

KASTRUP, Virgínia. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Orgs: Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. Porto Alegre: Sulina, 2009.

IVO, Any Brito Leal. **Cidade - mídia e arte de rua, 2007** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-49792007000100009&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 nov. 2014.

MACLUHAN, Marshall, **Os Meios de Comunicação com Extensões do Homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.